

# COMENTÁRIO MENSAL

Fevereiro 2026



**Cenário Internacional:**

A maior parte de fevereiro representou uma continuidade do cenário de janeiro, sobretudo no que diz respeito à tendência de realocação de capitais com o objetivo de diversificar investimentos para além dos mercados americanos. Esse movimento foi um vetor importante para a valorização contínua dos ativos, em especial dos mercados e moedas de países emergentes.

O início do mês concentrou as divulgações de dados macroeconômicos da economia americana, que indicaram crescimento do PIB de 2,2% e inflação abaixo do esperado (core PCE de 3,0%). Ambos os indicadores sinalizavam condições favoráveis para que o Fed continuasse seu ciclo de corte de juros ao longo de 2026.

O mercado americano manteve o otimismo, impulsionado pelo desempenho positivo das empresas de tecnologia e pelo anúncio de investimentos vultosos em infraestrutura de IA — apenas as líderes de mercado devem investir mais de US\$ 300 bilhões este ano. Esses recursos destinam-se a suportar o crescimento acelerado da demanda por ferramentas de inteligência artificial, cujo desenvolvimento segue em ritmo sem precedentes.

Em paralelo, ganhou força o debate sobre a velocidade de adoção dessas ferramentas e seu potencial de disrupção sobre mercados de trabalho de natureza intelectual. Diferentemente das ondas anteriores de automação, que deslocaram principalmente trabalhadores de funções operacionais, a IA generativa avança sobre atividades de alto valor agregado — assessoria jurídica, consultoria, análise financeira e gestão empresarial. Profissionais altamente especializados, justamente por terem construído carreiras em nichos específicos, tendem a ter menor capacidade de realocação, tornando o impacto social potencialmente mais profundo do que nas transições tecnológicas anteriores.

No campo fiscal, a Suprema Corte americana declarou irregulares as tarifas comerciais implementadas pelo governo Trump desde abril de 2025, gerando relevante risco jurídico e colocando em xeque cerca de US\$ 175 bilhões em arrecadação tarifária.

O cenário sofreu uma inflexão significativa com o início do ataque coordenado entre EUA e Israel ao Irã, levando o mercado global a um movimento generalizado de aversão ao risco. A preocupação com uma mudança abrupta nas principais variáveis econômicas — inflação, juros e crescimento — passou a dominar o sentimento dos investidores.

Nos dias seguintes, já no início de março, os preços do petróleo saltaram mais de 35%, refletindo a potencial desestruturação da principal região exportadora do mundo. As preocupações com os impactos inflacionários da alta de energia, o possível atraso no ciclo de afrouxamento monetário e os efeitos sobre o crescimento das principais economias globais passaram a ocupar o centro do debate.

No campo dos ativos, o S&P 500 recuou 0,9% no mês, enquanto a Nasdaq caiu 2,3%, acumulando respectivamente alta de 0,5% e queda de 1,1% no ano. O dólar seguiu em trajetória de desvalorização, apesar de uma recuperação relevante observada na virada do mês.

O cenário europeu em fevereiro foi marcado por um acirramento das tensões geopolíticas e comerciais. As discussões tarifárias com os Estados Unidos ganharam força ao longo do mês, com incertezas jurídicas e possíveis novas medidas protecionistas pressionando as exportações europeias — especialmente nos setores automotivo e de bens de luxo. Esse ambiente foi agravado por tensões diplomáticas mais amplas, incluindo debates estratégicos em torno da Groenlândia, que reforçaram a percepção de uma Europa cada vez mais compelida a fortalecer sua autonomia estratégica e econômica em relação a Washington.

Ao final do mês, o ataque coordenado entre Estados Unidos e Israel ao Irã elevou significativamente os riscos para o mercado de energia, reintroduzindo pressão inflacionária em uma região que vinha em trajetória de desaceleração dos preços. O choque geopolítico colocou em xeque o espaço do BCE para continuar seu ciclo de afrouxamento monetário, encerrando fevereiro com um grau de incerteza consideravelmente maior do que o início do mês sugeria.

Na Ásia, fevereiro foi marcado pela desaceleração das principais economias da região, com destaque para China e Japão. O fortalecimento do comércio intrarregional tem atuado como um importante amortecedor, reduzindo a dependência da demanda externa ocidental em um momento de maior fragmentação global.

No caso da China, seguem presentes tensões comerciais relevantes com os Estados Unidos e outros parceiros comerciais — sobretudo com a Europa — relacionadas ao elevado superávit comercial e às críticas sobre a manutenção de uma taxa de câmbio artificialmente depreciada. O cenário aponta para um ritmo de crescimento mais moderado, sustentado por rearranjos estruturais nas cadeias produtivas regionais, mas ainda sujeito a pressões externas crescentes.

### **Cenário Local:**

No campo econômico, fevereiro reforçou a leitura de uma economia em desaceleração gradual, com o mercado de trabalho ainda resiliente, mas sem pressionar adicionalmente os preços. A inflação seguiu em trajetória de arrefecimento, com o IPCA acumulado em 12 meses recuando para 3,81% — abaixo de 4% pela primeira vez desde maio de 2024 —, ampliando o conforto do Banco Central com o cumprimento da meta. Externamente, o FMI revisou para baixo sua projeção de crescimento para o

Brasil em 2026, para 1,6%, refletindo os efeitos defasados do aperto monetário sobre a demanda doméstica.

O Copom manteve a Selic em 15% ao ano em janeiro, mas sinalizou claramente o início do ciclo de cortes para março na ata divulgada em 3 de fevereiro. O mercado precificava uma redução de 0,50 p.p., cenário que foi revisado na esteira da escalada do conflito no Oriente Médio e da alta do petróleo — fatores que adicionaram incerteza inflacionária e aumentaram a cautela em relação ao ritmo de afrouxamento monetário.

No campo institucional, o caso Banco Master seguiu gerando repercussões relevantes ao longo de fevereiro, com desdobramentos que ultrapassaram o âmbito financeiro. A divulgação de relações do banco com agentes políticos e estruturas ligadas a membros do Judiciário — particularmente do STF — intensificou o debate sobre governança, conflitos de interesse e credibilidade das instituições, adicionando um componente de risco à percepção dos investidores.

No campo político, fevereiro foi marcado pela intensificação das pesquisas eleitorais, que começaram a indicar um cenário mais estruturado na direita, com maior concentração de intenções de voto em torno do nome de Flávio Bolsonaro. No lado governista, observou-se leve deterioração nos indicadores de popularidade, sem que tenha emergido até o momento uma alternativa com capacidade clara de disputar o centro do espectro eleitoral. Ainda assim, o resultado permanece amplamente em aberto — e o fluxo constante de pesquisas e movimentações políticas já começa a aumentar a sensibilidade dos mercados ao noticiário eleitoral, reforçando a percepção de que a dinâmica de 2026 será um dos principais vetores de volatilidade ao longo do ano.

O mercado brasileiro viveu um fevereiro de dois tempos. Sustentado pela continuidade do forte fluxo de capital estrangeiro — R\$ 15,4 bilhões no mês, o melhor resultado para fevereiro desde 2022, elevando o acumulado do ano para R\$ 41,9 bilhões em apenas dois meses, valor que já supera o registrado em 2024 e 2025 combinados —, o Ibovespa renovou sucessivas máximas históricas ao longo do período, atingindo 191.490 pontos no fechamento do dia 24, após bater o recorde intradiário de 191.781 pontos. O otimismo, no entanto, foi abruptamente interrompido pelo ataque coordenado entre Estados Unidos e Israel ao Irã no fim do mês, que elevou a aversão ao risco global e provocou forte reversão nos ativos locais.

O Ibovespa encerrou o mês aos 188.787 pontos, registrando alta de 4,1% no período — um dos melhores desempenhos recentes — e acumulando 17,2% de valorização no ano. Os juros apresentaram comportamento misto, enquanto o mercado de crédito registrou leve abertura nos spreads. O cenário de curto prazo segue condicionado pela evolução do conflito no Oriente Médio e

seus reflexos sobre a trajetória da Selic, mantendo o mercado doméstico em compasso de cautela no início de março.

Na renda fixa, o mês foi marcado por abertura de spreads, o que nos levou a evitar alongamentos relevantes nas carteiras, preservando liquidez e aguardando um ponto de entrada mais favorável para retomar alocações em ativos prefixados e de juros reais.

Aproveitamos fevereiro para realizar alguns ganhos e rebalancear carteiras, em particular a exposição à bolsa brasileira. Após a performance expressiva do Ibovespa no início do ano, entendemos que era prudente gerenciar os excessos de otimismo pontual — sem abrir mão da visão positiva que mantemos para a trajetória de longo prazo da bolsa local.

Na alocação internacional, seguimos alocando durante a maior parte do mês em ativos americanos, tanto em dólar quanto via estruturas hedgeadas, buscando capturar o momento de melhora nos preços relativos antes da virada de cenário provocada pelo conflito no Oriente Médio.

Continuem contando com a Shore como o porto seguro de seus investimentos.

**Disclaimer Shore Capital:**

A Shore Capital Gestão de Recursos Ltda. está devidamente autorizada pela Comissão de Valores Mobiliários para o exercício da atividade de administração de carteiras de valores mobiliários e gestão de fundos de investimentos. As informações aqui disponibilizadas têm caráter meramente informativo, não se caracterizando como oferta ou solicitação de investimento, tampouco recomendação para compra ou venda de ativos, cujas características poderão ou não se adequar ao perfil do investidor.

A Shore Capital não se responsabiliza por decisões do investidor, nem por ato ou fato de profissionais especializados por ele consultados. O investidor deve se basear, exclusivamente, em sua opinião e na opinião de profissionais especializados por ele contratados, para opinar e decidir acerca de um investimento.

Este comentário mensal não se caracteriza nem deve ser entendido como uma promessa e/ou um compromisso da Shore Capital de realizar as operações ou estruturar os veículos de investimento aqui descritos.

Não há garantia de que quaisquer investimentos e/ou eventos futuros ocorrerão. Retorno passado não garante retorno futuro.

